

Prof. André Luiz Cyrino Oliveira

Mariano Martins EEM – Fortaleza/CE

Título

Vivendo a cultura corporal de movimento no ensino médio

Resumo

O relato aqui proposto trata da efetivação da cultura corporal de movimento no currículo de Educação Física da EEM Mariano Martins. Nos três anos do ensino médio, os diversos conteúdos são distribuídos a partir de algumas premissas que conduzam a experiência pedagógica, quais sejam: a diversidade, a criatividade, a complexidade e a ludicidade. A diversidade diz respeito à ampliação do repertório cultural dos alunos e alunas para que estes, se assim desejarem, possam se servir da cultura corporal de movimento na sua vida cotidiana. A criatividade está ligada à abordagem dos conteúdos que intenta desprender-se das formas técnicas rigidamente construídas para estimular a capacidade inventiva dos alunos. A complexidade explicita-se no desenvolvimento pedagógico totalizante, contextualizado, articulado com os diversos saberes, rejeitando assim um conhecimento simplificado, compartimentado e isolado de sua existência na realidade humana. Por fim, a ludicidade é um pilar que busca produzir uma experiência educativa substancialmente prazerosa, sobretudo no ensino médio, fase de grande aporte conteudista e formalista, além dos dissabores próprios da idade.

As expectativas de aprendizagem orientam-se a partir de sentidos de autonomia, autoeficácia e autoconhecimento, por um lado, e de respeito, de confiança e de pertencimento, por outro. De forma geral, espera-se, com o trabalho desenvolvido, atuar na formação humana pautada em valores para o bom relacionamento consigo e com o outro; de forma específica, almeja-se produzir um indivíduo consciente da importância da cultura corporal de movimento e capaz de dela usufruir na sua vida cotidiana. O trabalho relatado aqui se desenvolveu na EEM Mariano Martins, com as turmas de segundos e terceiros anos do ensino médio de todos os turnos (20 turmas). Aconteceu durante as aulas da disciplina de Educação Física, que tem por carga horária uma hora/aula por semana. Em cada bimestre é trabalhado um conteúdo da cultura corporal de movimento, quais sejam: as ginásticas, as danças, as lutas, os jogos, os esportes e as práticas corporais de aventura.

As atividades, em todos os conteúdos, buscam estimular o contato com outro colega, seja em duplas, trios ou grupos. Com o colega, o aluno desenvolve o cuidado (do cuidar da segurança do outro), a humildade (do aprender com o outro e dividir um material com o outro), o protagonismo (do ensinar ao outro), o respeito (do valorizar o conhecimento do outro) e a amizade (do conhecer o outro).

Planejamento

Uma temática central da Educação Física escolar é a cultura corporal de movimento. Ela trata das criações, recriações, apropriações, transformações, sistematizações da experiência corporal humana ao largo da história. São elas, de forma sucinta, os jogos, as danças, as ginásticas, as lutas, os esportes, as práticas corporais de aventura e alternativas. A humanidade se valeu desses saberes por diversos motivos, sejam eles lúdicos (ligados ao prazer) ou funcionais (relacionados a alguma utilização direta e necessária no cotidiano). Nesse sentido, partindo de uma concepção de educação voltada a perpetuar o conhecimento historicamente produzido e socialmente útil, a cultura corporal de movimento se apresenta como

fundamental para a qualidade da experiência humana, sobretudo diante das condições de produção atuais que degradam a vida material e imaterial das sociedades.

De outra forma, ao iniciar a carreira no magistério, vi comprovada a hipótese que era enunciada na minha formação no ensino superior: a experiência dos alunos com a cultura corporal de movimento nas aulas de Educação Física escolar restringia-se a três ou quatro conteúdos. Eram eles o futsal, o vôlei e o basquete, quando muito adicionado ao jogo de carimba (também chamado queimada em outros locais do país). Em contato direto com os alunos, a grande maioria relatava nunca ter tido uma aula sequer dos vários conteúdos da cultura corporal de movimento. Esse cenário apresentava uma situação contraditória: os alunos apresentam resistência ao trabalho que se distancie da zona cativa que eles conhecem e, ao mesmo tempo, relatam fascínio pelas novas formas de vivenciar o próprio corpo propiciadas pelos diversos conteúdos.

Nesse intuito, o relato aqui proposto trata da efetivação da cultura corporal de movimento no currículo de Educação Física da EEM Mariano Martins. Nos três anos do ensino médio, os diversos conteúdos são distribuídos a partir de algumas premissas que conduzam a experiência pedagógica, quais sejam: a diversidade, a criatividade, a complexidade e a ludicidade. A diversidade diz respeito à ampliação do repertório cultural dos alunos e alunas para que estes, se assim desejarem, possam se servir da cultura corporal de movimento na sua vida cotidiana. A criatividade está ligada à abordagem dos conteúdos que intenta desprender-se das formas técnicas rigidamente construídas para estimular a capacidade inventiva dos alunos. A complexidade explicita-se no desenvolvimento pedagógico totalizante, contextualizado, articulado com os diversos saberes, rejeitando assim um conhecimento simplificado, compartimentado e isolado de sua existência na realidade humana. Por fim, a ludicidade é um pilar que busca produzir uma experiência educativa substancialmente prazerosa, sobretudo no ensino médio, fase de grande aporte conteudista e formalista, além dos dissabores próprios da idade.

As expectativas de aprendizagem orientam-se a partir de sentidos de autonomia, autoeficácia e autoconhecimento, por um lado, e de respeito, de confiança e de pertencimento, por outro. De forma geral, espera-se, com o trabalho desenvolvido, atuar na formação humana pautada em valores para o bom relacionamento consigo e com o outro; de forma específica, almeja-se produzir um indivíduo consciente da importância da cultura corporal de movimento e capaz de dela usufruir na sua vida cotidiana.

Relato a seguir algumas tarefas metodológicas que não se constituem como etapas estanques, segmentadas e enfileiradas. Pelo contrário, trato de procedimentos que se combinam no cotidiano escolar e estão diretamente ligados a realidade do trabalho.

- Pesquisa sistemática: essa tarefa está relacionada ao inventário de produções nas mais diversas linguagens que embasem e sustentem o desenvolvimento dos conteúdos. De forma particular, produções científicas (livros, artigos e demais publicações) constroem a base conceitual enquanto vídeos e imagens auxiliam na base procedimental. O processo contínuo de pesquisa permite a atualização constante das possibilidades pedagógicas de cada conteúdo, potencializando assim abordagens diversas, criativas e prazerosas dos diferentes temas.

- Produção de recursos: essa empreitada necessita de apoio junto ao núcleo gestor da unidade. Na realidade de minha escola, esse apoio é permanente diante do reconhecimento da importância do trabalho que desenvolvemos. Todavia, no seio da Educação Física, os recursos oficiais são muitos e

dispendiosos, o que exige do professor criatividade para adaptar e construir materiais. Uma boa parte dos insumos é conseguida por meio direto dos recursos da escola; outra parte é obtida por meio de doações da comunidade escolar e por recursos próprios do professor. Dessa forma, conseguimos produzir uma gama de dispositivos que impulsionam as experiências pedagógicas, como materiais de ginástica rítmica (cordas, fitas e arcos), de ginástica olímpica (trampolim de pneus, trave de equilíbrio e argolas), de lutas (tatame, colchonetes, espadas de espaguete aquático, dentre outros), de jogos/esportes (bolas diversas, redes e raquetes), de práticas corporais de aventura (*slackline* e colchões usados para amortecimento de quedas) e outros (apresentações multimídias, textos e imagens impressos etc.). Aqui vale lembrar da importância de um local próprio para acondicionamento dos materiais, bem como a promoção, no seio dos alunos, de um senso de responsabilidade para com estes.

Por fim, cabe explicitar a base teórica que me dá suporte no trabalho com a Educação Física escolar. Dois nomes são primordiais pelo que representam na minha formação: o professor João Batista Freire e o professor Rubem Alves. O primeiro é símbolo de uma Educação Física significativa, crítica e consciente. Suas produções, seu caminhar teórico e sua prática são forte apoio nas concepções de Educação Física escolar que manifesto. Já o querido Rubem Alves é, no âmbito educacional geral, a figura mais importante para a minha prática pedagógica.

Diagnóstico

A EEM Mariano Martins é uma unidade escolar da rede estadual de ensino do Ceará. Localizada no bairro Henrique Jorge, periferia de Fortaleza, está em atividade há 60 anos, nos níveis de ensino fundamental e médio, sendo a partir de 2003 o atendimento exclusivo à última fase do ensino básico. A escola, atualmente, atende cerca de 1100 alunos divididos entre os três anos do ensino médio e os três turnos escolares: na manhã são 14 turmas, à tarde, 9 turmas e à noite, 6. Para atendimento da demanda escolar, temos um corpo docente de 40 professores, sendo 4 docentes lotados na gestão escolar (três coordenadores e um diretor).

A comunidade escolar no entorno da escola é composta por pessoas de classe financeira baixa e média. O bairro possui uma infraestrutura que precisa ser melhorada, visto que falta pavimentação em algumas ruas, áreas de lazer, segurança pública eficiente, dentre outras questões. Um ponto importante a ser destacado é a centralidade da escola junto à comunidade escolar, atuando como referência no ensino público de qualidade. Dentre as unidades públicas da região, configura-se como uma das escolas mais procuradas, recebendo todos os anos, inclusive, uma grande quantidade de alunos de unidades particulares. Outro dado é a partir da escassa oportunidade de lazer para os jovens, sendo a escola e seus eventos encarados como verdadeiros momentos de integração social.

As turmas foco do presente relato são todas as turmas de segundo e terceiro anos do ensino médio nos três turnos escolares, um total de 20 turmas. Tal público se configura de forma bem particularizada, seja pelo turno ou mesmo pela turma. Para citar um exemplo, as turmas da noite são majoritariamente compostas por alunos e alunas trabalhadores, um desafio a mais para a realização do trabalho. Mesmo com essa particularidade, a tais turmas são oportunizadas as mesmas experiências das demais, sendo a adaptação do trabalho um recurso necessário apenas para adequação ao tempo de aula mais breve (dez minutos a menos que as turmas dos outros turnos).

As turmas da manhã e da tarde se diferenciam por condições sociais e percursos pedagógicos distintos. No turno matutino, de forma geral, estão alunos com experiência na educação privada e com poder

aquisitivo relativamente maior, além de a taxa de distorção idade/série ser menor. No turno vespertino já se apresenta o inverso: alunos, em sua grande maioria, oriundos de escolas públicas e com condição financeira mais vulnerável; a taxa de distorção idade/série também é maior.

As dificuldades que enfrento, apesar da diversidade de alunos, sintetizam-se em um ponto: a recusa na participação das aulas. Diferente das outras disciplinas, a Educação Física necessita ativamente da participação do aluno, o que por um lado representa um elemento educacional positivo. Por outro lado, diante dessa necessidade, alguns alunos tendem a esquivar-se da experiência pedagógica. Isso se dá por variados motivos: desagradável experiência pregressa com a disciplina; sentimento de inabilidade ou impedimento (por motivo de saúde) perante as atividades físicas; desânimo, apatia, insegurança, constrangimento, pudor, recato, dentre outras percepções individuais; inadequação ou desagrado com a metodologia do professor etc.

Aqui cabe reafirmar o que a literatura científica da área vem apontando: com o avançar do nível escolar, diminui a motivação dos alunos e alunas para com as atividades físicas. Esse cenário tem influência da incapacidade do corpo docente de Educação Física em despertar e manter na criança e no jovem o prazer pela cultura corporal de movimento, mas também tem relação com o contexto geral da vida humana, de avanços tecnológicos, de padrões de beleza inalcançáveis (suar é feio), de padrões de relações sociais (medo de expressar através do corpo e ser julgado) e outros.

Os conhecimentos prévios dos alunos são identificados informalmente ao início de cada ano letivo.

Oralmente as turmas são estimuladas a comentar experiências pedagógicas que tiveram com os conteúdos apresentados no planejamento anual. Ainda nesse sentido, ao iniciar qualquer momento de aula, questiono novamente sobre as experiências por eles vividas em cada conteúdo a ser trabalhado. Esses procedimentos nos orientam no prosseguimento ou não dos conteúdos. Para citar um exemplo, alguns alunos de uma mesma turma comentaram que já tinham passado por uma experiência pedagógica em dança, o que me fez repensar o planejamento. Todavia, aprofundando a experiência destes alunos, percebi que ela se deu de forma conceitual, por meio de aula expositiva seguida de seminário apresentado sobre uma modalidade de dança. Dessa forma, pude perceber que a cultura corporal de movimento não havia sido trabalhada na sua essência, como experiência corpórea, mas sim como discurso sobre.

Desenvolvimento

O trabalho relatado aqui se desenvolveu na EEM Mariano Martins, com as turmas de segundos e terceiros anos do ensino médio de todos os turnos (20 turmas). Aconteceu durante as aulas da disciplina de Educação Física, que tem por carga horária uma hora/aula por semana. Nesse sentido, uma condição atuante no trabalho é o tempo reduzido, o que nos leva a uma preocupação fundamental na educação: o recorte. O que é mais primordial para o aluno do ensino médio ter na experiência com a Educação Física na escola? A resposta que tenho tido como mais precisa e que dialoga com as expectativas do corpo discente é: o mais primordial é ter uma experiência pedagógica que seja distinta do padrão comum das outras disciplinas. A minha observação constante do cotidiano escolar aponta pra necessidade de pensar novas metodologias de ensino, que se afastem da tradicional educação bancária citada por Paulo Freire. Todavia essa não é uma discussão apenas do campo teórico educacional, mas sobretudo uma visão de mundo.

Dessa forma, a proposta de trabalho foi e é desenvolvida com a necessária e inestimável presença do corpo do aluno na grande maioria das aulas. A ideia principal não é a de que ele conheça cognitivamente uma manifestação da cultura corporal de movimento, mas que ele efetivamente a vivencie com seu corpo, o máximo possível. O conhecimento cognitivo (visual, auditivo) é reduzido, mas está presente, geralmente, no formato de uma aula que inicia ou que termina a temática. Essa perspectiva tem contemplado as expectativas dos alunos, sendo a taxa de participação nas aulas girando em torno de 80% dos alunos e alunas. Isso se dá de forma totalmente voluntária, sendo a participação não identificada por meio de recompensas na nota. Destarte, busco estimular nos alunos e alunas uma experiência substancial com a Educação Física, onde o processo seja mais importante que o produto.

Dividi os conteúdos da cultura corporal de movimento por bimestres, para desenvolvimento do trabalho da forma mais completa possível. Desse modo, temos:

- Dois bimestres para os jogos e os esportes (populares e de massa; coletivos e individuais; de oposição, de marca, de rede divisória) e diálogos relacionados (diferenças, semelhanças, importância na vida social e afetiva, técnicas individuais, tática e a equipe, esportivização, opressões no jogo e no esporte etc.)
- Um bimestre para as formas ginásticas (olímpica, rítmica, acrobática etc.) e diálogos relacionados (preconceito de gênero, saúde e exigências do cotidiano, esportivização, trabalho em equipe, valores humanos etc.).
- Um bimestre para as danças (coletivas, individuais, em pares; populares, de salão, de massa etc.) e diálogos relacionados (preconceito de gênero, corpo mecânico, expressividade e afetividade, sociedade e julgamentos etc.).
- Um bimestre para as lutas (curta, média e longa distância), para a capoeira (patrimônio histórico nacional, discussões de raça, movimentação gingante e musicalidade etc.) e diálogos relacionados (valores éticos, preconceito de gênero, violência e agressividade, história do ser humano como sobrevivente lutador etc.).
- Um bimestre para as práticas corporais de aventura (*slackline*, corrida de orientação, *parkour*, escalada etc.), para as práticas alternativas (*yoga*, meditação, *tai-chi-chuan*, pilates etc.) e diálogos relacionados (preservação ambiental, exclusão econômica nas práticas corporais, corporeidade e autoconhecimento etc.).

No segundo ano temos os jogos, os esportes, as danças e as ginásticas. No terceiro ano temos as lutas e as práticas corporais de aventura e alternativas. A título de informação, os outros dois bimestres de trabalho no terceiro ano têm como conteúdos específicos temas próprios ao corpo: são eles a sexualidade humana (debates de gênero/orientação sexual, de respeito à diferença, sobre anatomia sexual e o prazer, fertilidade e métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis etc.) e diálogos sobre saúde (nutrição humana, dietas, indústria de alimentos, exercício e saúde física, beleza e saúde mental etc.). Os dois conteúdos também são trabalhados com metodologias corporais, dinâmicas em grupo etc.

As aulas são desenvolvidas buscando ampliar o nível de complexidade, sempre valorizando o processo e não o resultado final. O conteúdo de ginástica acrobática inicia-se apenas com exercícios de confiança e de tônus muscular, para que depois os alunos se sintam capazes de buscar formar figuras acrobáticas mais complexas. A aula de danças populares (que inicia o conteúdo dança) busca dar uma experiência brincante de dança onde a técnica e a noção rítmica sejam relativizadas para que todo e qualquer estudante possa

se sentir confortável com a vivência. As aulas com o conteúdo esporte não buscam tão somente trabalhar a técnica exata dos movimentos, mas inclusive descobrir/criar novas formas de jogar, de se movimentar e assim conhecer as potencialidades do próprio corpo.

As atividades, em todos os conteúdos, buscam estimular o contato com outro colega, seja em duplas, trios ou grupos. Com o colega, o aluno desenvolve o cuidado (do cuidar da segurança do outro), a humildade (do aprender com o outro e dividir um material com o outro), o protagonismo (do ensinar ao outro), o respeito (do valorizar o conhecimento do outro) e a amizade (do conhecer o outro). Nesse sentido, acredito que elas contribuam para um melhor relacionamento entre os alunos, sendo desencorajadas todas as manifestações que provoquem desagrado no grupo (um elemento ligado a esse desejo é o impedimento de alunos que queiram apenas olhar, pois os olhares e comentários podem gerar constrangimento e/ou conflito). O contato inicial com as aulas é facilitado por serem aulas mais simples e que busquem avançar na complexidade das exigências. A manutenção de um ambiente de aula atrativo também passa consideravelmente pelo estímulo ao respeito às diferenças (e possibilidades individuais) e das posturas positivas com os colegas. Tais posturas, por exemplo, fazem com que alunos que têm mais facilidade acabem por auxiliar e incentivar os alunos que têm menos.

O planejamento inicial se configura apenas como um norte do trabalho, que vai se efetivando com o caminhar natural dos conteúdos nas aulas. De outra forma, ele também sofre influências de imprevistos do calendário (feriados, eventos escolares etc.). Todavia, um ponto central trata de garantir a todas as turmas similares direitos de aprendizagem. É inviável pensar que serão iguais, mas o trabalho desenvolvido tenta transitar por experiências próximas, garantindo assim que todos tenham acesso à diversidade dos conteúdos. Alguns elementos significativos me fazem perceber que estou num caminho positivo na Educação Física escolar. É comum escutar dos alunos que só foram à escola naquele dia por causa da minha aula, que a consideram a melhor aula da semana. Há aqueles que, ao anunciar o fim da aula, afirmem que nem sentiram o tempo passar, que gostariam de mais tempo, que a disciplina deveria possuir carga horária dobrada. De forma mais significativa ainda, consigo perceber a modificação de comportamentos e valores com o incremento do respeito, do contato com o outro.

Avaliação

Aprendizagem

A fase de avaliação, no cotidiano escolar concreto, está ligada a uma série de instrumentos que visam retratar de forma objetiva o aprendizado dos alunos, sobretudo numericamente em uma nota. Nesse sentido, posso afirmar que essa perspectiva comum e supervalorizada na educação precisa urgentemente ser modificada. Na disciplina de Educação Física, então, chega a ser uma postura que reduz a experiência dos alunos, posto que esta, e tudo o que ela carrega, jamais conseguirão ser captados nos métodos objetivos de avaliação.

O trabalho aqui relatado tinha e tem por objetivo fundamental apresentar a cultura corporal de movimento como uma possibilidade concreta para toda e qualquer pessoa. Para isso faz-se necessário que ela conheça e reconheça cada conteúdo para além dos mitos e preconceitos, mas não de uma forma instrumental. Conhecer a ginástica, por exemplo, não é saber a data de fundação da Federação Internacional de Ginástica (FIG) ou o nome dos primeiros desenvolvedores dos métodos ginásticos no século XIX na Europa. Conhecer a ginástica, no presente trabalho, é sentir o equilíbrio na trave olímpica,

é honrar a confiança do colega em uma figura acrobática, é movimentar a fita da ginástica rítmica de forma graciosa sem preocupar-se com preconceito de gênero.

Diante do exposto, posso apontar que os resultados alcançados foram bastante positivos. A taxa de participação nas aulas gira em torno dos 80% nos diversos conteúdos, sendo ela totalmente voluntária. De forma subjetiva, percebem-se relatos vindos dos alunos sobre a felicidade de vivenciar uma aula de Educação Física que não seja só para os melhores ou só para aqueles que já sabem jogar. De outra forma, uma boa quantidade de alunos ao terminarem o terceiro ano se sentem motivados pelo exemplo que apresento com minha prática e honram-me comunicando que querem seguir os estudos no ensino superior em Educação Física. De forma objetiva, ao final do ano, todas as turmas são convidadas a avaliar o professor e seu conteúdo, sendo as notas rondando patamares de aprovação na casa dos 95%.

Ainda como forma objetiva de avaliação, por bimestre há uma avaliação em formato de prova que tem taxa de notas na média escolar ou acima na casa dos 75% dos alunos. Outra forma de avaliação busca o trabalho com linguagens tecnológicas, então temos fotos e vídeos produzidos pelos alunos para apreciação dos conteúdos. Por fim, o método mais valioso que utilizamos é o método da autoavaliação, em que o aluno se coloca a refletir sobre o processo que vivenciou na disciplina e busca sintetizá-lo em um texto.

Importante frisar que o processo de avaliação não se cristaliza de nenhuma forma, sendo mudado até mesmo durante o ano. Isso se dá por tentar compreender e dialogar com os objetivos do trabalho e com a realidade material dos alunos. A realidade material trata de, por exemplo, perceber que eles têm uma média de 14 disciplinas, cada uma delas com diversos trabalhos e atividades; trata de identificar que os *smartphones* estão populares, mas o acesso à internet e o conhecimento de informática básica, não; trata de captar a singularidade da vida de cada um, desde aquele que trabalha até aquele que cuida dos irmãos mais novos ou mesmo que já tem seus próprios filhos. Nesse sentido, avaliar também é avaliar as condições de avaliação para compreender suas possibilidades e limites.

Reflexão

A experiência aqui explicitada tem total capacidade de ser replicada por outros colegas, pois trata fundamentalmente do que é essencial à Educação Física. O que se configura como mais necessário para essa replicação é a produção das condições estruturais para o trabalho com os conteúdos, o que envolve apoio da gestão escolar para a compra de materiais e a manufatura de materiais alternativos, que podem ser desenvolvidos juntamente com os alunos.